Adnilson Rafael Telles, M.'.M.'., M.'.I.'., FR+C, S:::I:::, S:::I:::I:::

Acadêmico de Ciências da Religião pela Unochapecó artz@unochapeco.edu.br

Whatsapp - Telegram: (49) 98828-3348

Projeto: "A História da Luz: temp2 pt26: "Detalhes sobre as Ciências Sagradas" para o Programa Conexão Mística, transmitido pela Rádio Centenário 105.1FM na noite de 15/09/2022. www.radiocentenario.com.br

Seguimos para a última das ciências sagradas revisitadas nesta retomada sobre elas na segunda temporada do nosso projeto "A História da Luz", e é ela a imersão da vez, nossa tão querida arte sagrada da cabala. Falar sobre ela, francamente, é mais fácil que escrever. De certa forma, podemos e não podemos aplicar a sua abrangência na realidade manifestada, ou melhor, neste campo físico que acreditamos ser a única realidade. Podemos aplicar, pois tudo o que existe foi criado pelos fatores que estão sobre a sua abrangência. Não podemos aplicar, pois estamos no último estágio de toda a sua abrangência, onde simbolicamente vivemos o sétimo dia da criação, vivemos então o momento em que a manifestação se fez presente absolutamente, e assim sendo, podemos apenas especular sobre as razões das leis manifestadoras e logo, ter uma certeza absoluta a respeito dessas ações é digamos que impossível. Mas que papo de louco alguns de nossos ouvintes, senão todos, estão pensando agora. Com alguma calma vou explicar essas colocações. Se estamos aqui hoje, é pela graça da hierarquia dos mundos e da ação dela através destes mesmos mundos que, do sutil ao denso, possuem no relâmpago brilhante seu veículo ativo que transita com total liberdade nessa hierarquia, nesses mundos. A ação do relâmpago brilhante na descida do sutil ao denso se apresenta em estágios bem definidos. Surgidos no imanifesto, no que chamamos de existência negativa, a Luz incriada se divide em dois aspectos, um sendo a "Luz refletida" e o outro da "Luz irrefletida", eis as suas duas faces. A Luz refletida que segue um caminho, o da sua densificação vai passando pelo mundo da origem, ou mundo das idéias para Platão, o mundo numênico; seu segundo estágio é o mundo da criação, onde as formas começam seu processo criativo, um pouco menos sutil que o estágio anterior; o terceiro estágio é o mundo da formação que, menos sutil e mais denso ainda que o anterior, permite às formas já possuírem um corpo e por fim, o mundo da manifestação que para Platão era o mundo fenomênico, mundo da ação densa, da forma sólida que possui corpo e então matéria. Essa é a saga do relâmpago brilhante que desde sua origem até a sua manifestação carrega a Luz refletida por todos estes mundos. Do sutil ao denso, as formas vão se densificando até a manifestação. Podemos citar aqui a existência de mundos mais densos, com mecânica mais densa ainda que essa nossa manifestada, os quais vou apenas me ater a um exemplo: são os inframundos, mundos em que a mecânica pode ser aplicada como aquela que ocorre no interior de um objeto sólido, um mundo abismal. Sobre a "Luz irrefletida", ela é a luz que não possui natureza manifestadora por decisão própria. Ela decidiu não criar.

Estudar cabala difere de aprender cabala, e isso se aplica para qualquer uma das artes sagradas que estamos atualmente revisitando. É necessário, da parte daquele que deseja entrar neste caminho, se permitir que antes do aprendizado a disciplina lhe seja um hábito. Sem isso, não se aprende, e sem aprender, não se estuda. A cabala, assim como todas as outras ciências sagradas, pedem do buscador uma imersão inicial no tema, para após este

buscador conseguir absorver os conteúdos por ela proposta, conhecer suas teorias, e de forma natural e, pouco a pouco, estudar elas de forma aprofundada. Lhes apresentaremos hoje um trabalho escrito a aproximadamente 15 anos atrás, onde buscará introduzir vocês a alguns aspectos gerais e que são reincidentes dentro da caminhada do cabalista na tradição esotérica ocidental. Esperamos que este material lhes seja útil em vossas futuras meditações!

"Estas coisas tu revelarás e tu as esconderás!"

Moisés e a Cabala

Por Adnilson Rafael Telles, FR+C, S:::I:::

apresentado na "Luz Martinista" do dia 10 de maio de 2009,
realizada no Capítulo R+C AMORC Chapecó.

Uso com respeito as palavras reveladas a Moisés, por aquele que se denomina "EU SOU AQUELE QUE É": "Estas coisas tu revelarás e tu esconderás" como frase título deste trabalho. Palavras estas acredito mostram qual é o nosso serviço como místicos estudantes da Rosa+Cruz, suplicantes Martinistas, estudantes de Cabala, enfim, Neófitos... Eternos Neófitos. Um Ser mitológico fantástico que tinha raios na cabeça, confunde o mito deste iniciado com muitas provas etimológicas que o consideraram o próprio Baco, divindade grega portadora de chifres. Esse fato nos explica o porquê da intrigante escultura de Michelangelo, que retrata Moisés, o patrono judeu e "avô" do cristianismo, com dois pequenos chifres. Sem ser aula de história, mas querendo que neste particular seja, uso um rápido excerto do Mestre Joseph Campbell, quando nos fala a respeito da mitologia:"Seja a mitologia interpretada em termos de afirmação do mundo como ele é, da negação do mundo como ele é, ou da restauração do mundo para como ele deveria ser, a primeira função da mitologia é despertar na mente um senso de deslumbramento diante dessa situação, através de um dos três modos de participar dela: sair, entrar ou efetuar uma correção.", e segue: "Uma das funções da mitologia tradicional é conduzir o indivíduo através dos vários estágios e crises da vida – ou seja – ajudar as pessoas a compreender o desenrolar da vida com integridade. Essa completude significa que as pessoas passarão por eventos significativos, do nascimento a meia idade, e até a morte em harmonia primeiramente com elas próprias (vida física), em segundo com seu meio (vida emocional), seguido do universo que a cerca (vida cultural) e finalmente com aquele "mysterium tremendum" (vida mística) além de si mesmas e de todas as coisas". Pensemos agora: "Por que devo entender o mundo que me cerca? Por que estou aqui hoje vivo? Em que minha vida tem a ver com os mitos?" pois bem: "Deus não é um sonho, Deus não é um fato!" Deus é uma palavra que nos remonta a algo muito além do que possa ser concebido ou nomeado (ou Inominável, por nosso pequeno entendimento). Moisés recebeu muitas informações desta fonte que podemos chamar de "Não-fato", ou de "Palavra perdida", e talvez em termos mais poéticos, poderemos tentar o uso da definição, "TERMO FINAL"? "TERMO FINAL", levando em consideração o ponto máximo que nossa consciência objetiva pode chegar, e nós, homens da torrente podemos tentar vislumbrar. O próprio Deus disse a Moisés após a revelação de seu mais secreto nome, "Tu não verás a minha face... Mas tu me verás pelas costas!" O que isso tenta nos dizer? No entendimento simbólico, mitológico, muitas coisas, mas comparando a termos práticos ao nível de consciência deste iniciado com os demais homens, o seu preparo e treinamento, nem ele pode ver a face "Daquele que É o que É". Este foi o "TERMO FINAL".

A tradição nos mostra isso, e, até seu tempo, somente Enoch teve um contato tão "particular" com a divindade. Moisés com suas iniciações nas mais diversas tradições onde viveu e ensinou e mais o contato com seu dito "sogro" Jethro, o conduziram a ser o compilador dos primeiros cinco livros da Bíblia cristã (a saber: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) conhecidos como "Pentateuco". Na tradição Judaica/Cabalista é conhecido como "Sepher ha Torah" (Livro da lei). É incontestável e já sabido por nós que a

Torah não tem seu conteúdo original de seu tempo, pois sendo um texto hieroglífico (leia-se simbólico e velado), não se tem certeza de sua língua de origem, e após muitas traduções e correções no aramaico, hebraico, grego e latim, sua deformação é visível com mutilação de muitos termos e significados. O que nos resta hoje pode não ser nem a sombra do que foi em seus áureos tempos. Mas também por nós é sabido que os símbolos só se fazem presentes àqueles que "têm olhos para ver". Se for do seu merecimento, o símbolo se faz vivo e se não for, o véu simbólico da ignorância cria suas camadas cada vez mais espessas, produzindo assim, entendimento como um mito, uma estória para crianças, um conto de fadas... "O símbolo se recolhe". Os passos de nossa consciência, tanto a objetiva como a subjetiva, nosso aprendizado diário, a dedicação que damos à nossa parcela na Obra vão fazer com que o véu se dissolva ou se vele mais e mais. Com isso digo, que temos hoje em termos de literatura bíblico-cabalística mesmo fragmentada, aquilo que Michel Coquet nos expõe no seguinte fragmento: "Ainda com seu texto alterado, para aqueles que sabem reconhecer as chaves, pode ser de grande enriquecimento."

Nestes livros vemos, além de um apanhado de costumes, vemos as leis, pudores e dilemas de um povo (necessários para sua organização naquela época), e neles Moisés nos apresenta a Lei Mosaica. O seu contato com "Aquele que É", sintetiza todas as tradições nas Tábuas da Lei, com a representação daquilo que, em termos simples, serviu de mangual e açoite para o povo hebreu: os Dez Mandamentos. Como disse, em termos simples, sua leitura não é somente feita de forma simplória, direta, mas de forma profunda e velada, pois: "Estas coisas tu as revelarás e tu as esconderás!" As Tábuas são o momento máximo de Moisés mostrando a Lei de Deus aos homens. Mas sua apresentação é velada pelo manto hermético do simbolismo, mantendo oculto aquilo que é esotérico. De uma forma inteligível encontramos as Sephiroth, representadas por ele no Santuário do Tabernáculo, com o Menorah. Atualmente conhecido por nós com o esquema em forma de Árvore da Vida, onde após milhares de anos, os Cabalistas da idade média revelaram um sistema de entendimento do macrocosmo (Sephiroth relacionadas aos planetas) e do microcosmo (Sephiroth relacionadas com as partes do corpo humano).

Moisés recebeu o ensinamento completo, dividido em três níveis de apresentação/entendimento:

- 1º nível (parte exotérica, a lei/tabernáculo): aos profanos (em geral mitológica, como afirma Papus) direcionados a todos os filhos de Israel,
- 2º nível (parte esotérica, alma da lei/Santo dos Santos): "Mishna", revelada aos mestres e aos rabinos,
- 3º nível (sentido místico, a alma da alma da lei/a arca da aliança): "Kabbalah", revelada somente a alguns, sob o manto do silêncio, do sigilo.

Podemos, analogamente, trazer à vida iniciática e comparar aos três graus de acesso dos neófitos da Rosa+Cruz, aos três níveis da iniciação tradicional Martinista, aos três graus simbólicos da Maçonaria, ao acólito, ao presbítero e ao episcopo das igrejas antigas... Enfim, temos as três pontas de nosso sagrado triângulo e sua lei comprovada. Todas essas analogias têm seu significado refinado no 3º nível de entendimento, onde Moisés nos mostra a Sagrada Cabala. Tendo o Tabernáculo no 1º nível, o Santo dos Santos no 2º nível, e a Arca da Aliança no 3º nível, o templo (o palco) está montado para que os homens de vontade busquem aquilo que os iluminará.

Mas, e essa Arca da Aliança? Por que Arca? Qual Aliança? A Arca sempre se fez presente na história do homem. Muitas culturas a usaram como, Maias, Incas, Astecas, Egípcios, dentre outros muitos, mas podemos relembrar a primeira Arca bíblica, a de Noé. Sua Aliança foi feita ao fim do dilúvio com o arco-íris, este signo, sinal representando o que nos liga ao divino (terras e céus). Esta é aliança física (1º nível do entendimento), após ela, o texto bíblico nos relata a Arca de Moisés, onde somente os iniciados teriam o acesso (2º nível do entendimento), a revelação do arco-íris e saberiam assim o que seu interior continha e o poder que poderia despertar dependendo da utilização que fizesse (bem x mal). E o 3º nível de entendimento, onde se dá? Qual é ele? Os egípcios provavelmente foram a maior influência de Moisés com suas arcas ancestrais (Arca de Isis, Arca de Osíris)

representando o símbolo do Amor Materno e da Morte e Ressurreição) e complementam, criando assim, uma Arca somente. Moisés e sua Arca da Aliança nos brindam com o caminho da disciplina e conhecimento, que se fundirão na figura do Cristo, que nos lembra estas metas com seu amor incondicional no momento da crucificação. Mas o que o Cristo e a Arca têm em comum? Cristo abre mão do seu direito à vida física, da sua condição humana em compaixão a nós, homens e mulheres. Esta sua negação, sua contração, a contração de Cristo transfigurado em Cristo crucificado, sai da cruz onde morre e nos dá o cubo, a arca, a nova Arca da Aliança, renovando assim a aliança entre o homem e a divindade, e transformando os pecados do velho homem, nas possibilidades do novo homem, como símbolo de sua ressurreição. Moisés foi parte de um plano no qual muita gente estava envolvida. Seu papel de líder, de iniciado, de escolhido para ser o tutor de um povo, nos serve como símbolo. Nós, por meio do conhecimento do existente, com o real respeito a tradição, com consciência do papel na obra e responsabilidade em transmutar, sintetizar o que ele dominou,cuja sabedoria foi levar o povo hebreu (que metaforicamente são nossos pensamentos, palavras e atos), a atravessar o Mar Vermelho. Esse mar, via uso correto da palavra perdida, do nome sagrado do “Não-fato”, que representa aquilo que está a nosso alcance e possibilidades, se compreendermos nosso, de negar a nós mesmos e nos tornarmos uno com a divindade. Encontramos na Cabala as possibilidades, as ferramentas e o entendimento das relações entre o Homem, a Natureza e a Divindade. Complementando a visão da Arca da Aliança, um fragmento de Louis-Claude de Saint-Martin nos mostrando seu ponto de vista: “Contemplemos agora a Arca da Aliança, arquivo de todos os mandamentos que o povo devia observar para manter-se forte contra seus inimigos. Comparemos o Tabernáculo e as cerimônias ordenadas a serem ali praticadas às primeiras ocupações do homem; veremos que eles oferecem tão-somente a descrição dos símbolos antigos, que a sabedoria precisou mostrar mais uma vez ao homem, a fim de nunca poder ser acusada de faltar ao pacto que havia feito com ele ao formá-lo. Assim, foi recomendado ao Agente escolhido para essa obra que seguisse à risca o plano que lhe fora mostrado na montanha, a fim de que, a cópia visível sendo semelhante ao modelo que o homem não via mais, este pudesse aproximar-se de sua antiga glória e de seus conhecimentos primordiais. Devemos, portanto, estudar cuidadosamente essa cópia, se queremos recuperar algumas noções quanto ao seu modelo. Devemos considerar as diferentes divisões do Tabernáculo e as diferentes cortinas que as separavam umas das outras, para traçarmos as diferentes progressões e suspensões da luz para nós: o Oráculo envolto e coberto por asas de Querubins; a coroa, ou o círculo de ouro, que o encimava e que parece colocada, como o anel de Saturno, para servir de órgão para as Virtudes superiores que deveriam descer ali; as tábuas instaladas nas diferentes regiões; os doze pães de propósito dispostos seis a seis, para nos mostrar as duas leis senárias, fonte de todas as coisas intelectuais e temporais; por fim, o candelabro de sete velas, refletindo o número da luz superior que iluminava e vivificava invisivelmente esse misterioso santuário, sede de sua glória.

Não somente o Tabernáculo devia ter relações, com o propósito do Universo, mas, ainda, devia tê-las também com o homem, uma vez que este foi seu primeiro objeto, o que era suficientemente representado pelo altar quadrado que foi ordenado que fosse colocado ali, junto com os vasos e os instrumentos relativos ao culto que devia ser realizado. A forma quadrada é um símbolo análogo ao número do homem intelectual, símbolo que podemos facilmente discernir e que será ainda mais desenvolvido adiante; mas o próprio corpo do homem também parece ter relações com esta forma, uma vez que ele próprio, por suas dimensões, forma um quadrado. Além disso, o altar era sustentado e transportado por meio de quatro bastões ocos e não removíveis, e este modelo acha-se fisicamente na forma material do homem.”

E com mais um excerto de Joseph Campbell me despeço:
“Quem, portanto, pode nos falar do Ser ou do Não-Ser de Deus, exceto através de implicação, apontando para além de suas palavras, dele mesmo e tudo o que ele sabe, e indicando o transcendente, a experiência do mistério?

Bibliografia:

- Bíblia de Jerusalém, Ed. Paulus, 2002
- Blavatsky; Helena Petrovna, “Glossário Teosófico”, Ed. Ground, 2000
- Camino; Rizzardo da, “Dicionário Maçônico”, Ed Madras, 2006
- Campbell; Joseph, “Tu És Isso”, Ed, Madras, 2003
- Coquet; Michel, “A Arca da Aliança”, Ed. Ibrasa, 1986
- Halevi; Zev Ben Shimon, “Kabbalah e Êxodo”, Ed. Siciliano, 1994
- Papus, “Tratado Elementar de Magia Prática”, Ed. Pensamento, 1970
- Pasqually; Martinès de, “Tratado da Reintegração dos Seres”, Diffusion Rosicrucienne, 2007
- Saint-Martin; Louis-Claude de, “Quadro Natural”, Diffusion Rosicrucienne, 2007
- Schuré; Édouard, “Os Grandes Iniciados”, Ed, Madras, 2003

Percebam que o tema acima não foi esgotado em sua profundidade. O trabalho buscou, na época da sua exposição, apresentar a um público específico todas as possibilidades de estudo que um tema comum dentro da caminhada tradicional pode apresentar como objeto de pesquisa. Vocês podem perceber aqui um pouco do que se estuda na caminhada do cabalista cristão, mais específica aos que se dedicam ao martinismo. Próxima semana seguiremos com mais algum aprofundamento desta nossa tão querida arte sagrada cabalística. Até lá e fiquemos todos no Bem, sempre!